

Dora Kramer*

Erosão da imagem é obra coletiva

Não há dúvida sobre a necessidade de o Supremo Tribunal Federal promover um ajuste na conduta de magistrados que ferem a reputação da corte. Mas também é verdade que seus companheiros no pódio dos Poderes contribuem para a erosão de imagem do tribunal.

O presidente Edson Fachin não deixou margem para adiamentos na reabertura dos trabalhos do Judiciário ao reiterar compromisso com a adoção de um código de ética e entregar a relatoria à ministra Cármen Lúcia, uma inequívoca parceira no propósito.

Fachin foi certeiro ao ressaltar o papel da Justiça na guarda da democracia e contemporâneo ao constatar que “o momento agora é outro”. Hora de avançar no aperfeiçoamento institucional, uma tarefa que cabe ao Supremo e aos demais Poderes.

Se o STF ocupou lugar central, deveu-se também ao fato de encontrar espaço vazio para tal. Legislativo e Executivo têm parcela significativa de responsabilidade. Daí Fachin ter feito a chamada geral à “autocorreção” na repartição dos deveres republicanos.

O Parlamento banaliza suas prerrogativas quan-

do propõe impeachment de ministros do Supremo por impulso ideológico, tornando o ato banal e passível de ser ignorado. Vulgariza o cenário também ao conduzir sem rigor as sabatinas dos indicados pelo chefe do Executivo.

Já o presidente da República esvazia os requisitos constitucionais para o preenchimento das vagas ao estabelecer como critérios a proximidade, identidade e confiança pessoais. Trata o Supremo como mais um companheiro. Nos pronunciamentos de seus comandantes na volta do recesso, Congresso e Palácio estiveram muito distantes da convocação ao “aperfeiçoamento” feito por Fachin. Luiz Inácio da Silva (PT) fez propaganda de si, Davi Alcolumbre (União Brasil) reiterou a própria autoridade e Hugo Motta (Republicanos) apegou-se à defesa das emendas.

Uma pobreza. Coisa de quem não entendeu que a proposta do manual de ética não diz respeito à edição de um livrinho. É sugestão para mudança de paradigma na qualidade das instituições.

***Jornalista e comentarista de política**

Aristóteles Drummond

A excelência da diplomacia brasileira

O livro de memórias do embaixador Marcos Azambuja, organizado pelo embaixador Gelson Fonseca com base em depoimentos dados em diferentes ocasiões, é um testemunho da excelência de nossa diplomacia, incluindo quase meio século de presença do relevante diplomata na Casa de Rio Branco.

Marcos Azambuja nasceu e foi educado no meio do que existe de melhor no setor público brasileiro. Seu pai, Dario Azambuja, foi oficial de Marinha e optou pela Aeronáutica quando de sua criação, tendo chegado a Brigadeiro, titular de importantes funções na Força. E sua geração deu ao Brasil notáveis diplomatas com os quais lidou ao longo da carreira. Nomes da tradição de Frank Thompson Flores, Paulo Nogueira Batista, Paulo Tarso Flecha de Lima, os irmãos Leite Ribeiro, Rubens Ricupero, Marcílio Marques Moreira e outros.

Mais do que as embaixadas em Buenos Aires e Paris, a carreira o colocou em posições em que participou de momentos importantes e com os grandes da profissão.

Presta preciosos testemunhos os diplomatas que marcaram seu tempo como, Araújo Castro, Sérgio Corrêa da Costa, Azeredo da Silveira, Mário Gibson, destaca Vasco Leitão da Cunha e Pio Correa como grandes cabeças e acerta na definição dos presidentes desde Getúlio Vargas até Lula da Silva. Em todos, Azambuja viu as qualidades que efetivamente tinham, mas não esconde que a admiração maior foi

por Fernando Henrique Cardoso. Lembra de que nossa política externa ficou nas mãos dos quadros diplomáticos no governo do presidente Médici e registra a vontade autoritária do presidente Geisel, ao constranger a casa nos votos contra Portugal, e o sionismo, afrontando as relações com Portugal e os portugueses residentes no Brasil, assim como a parcela da sociedade que é israelita.

São raros testemunhos tão honestos em termos de isenção e de colocar opiniões independentemente do “politicamente correto” ou das correntes que se consideram donas da História. Nenhuma novidade para quem conheceu o grande diplomata, dono de encantadora conversa, convívio agradável, espírito alegre e leve.

O Itamaraty teve como um dos últimos dos moicanos na elegância do ser e conviver, que o fez também relevante por ter sido muito querido. A alta qualidade até há bem pouco da instituição, como aborda em determinado momento com clareza, vem dos diplomatas serem, na sua maioria, filhos e irmãos de diplomatas ou filhos ou netos de titulados do Império, onde não havia lugar para preconceitos pela mesma educação e cultura de todos, desde o Barão do Rio Branco a Joaquim Nabuco, que são as maiores referências desde sempre.

O responsável maior pela publicação, Gelson Fonseca, é dos mais admirados na carreira, mais moderno do que Marcos Azambuja, destaque em sua geração pela cultura, texto e maneira de pensar.

EDITORIAL

Uma guerra longe do fim

A dificuldade de se alcançar um cessar-fogo na guerra entre Rússia e Ucrânia não está apenas na intensidade do conflito militar, mas principalmente na complexa teia política, histórica e estratégica que o sustenta. Trata-se de uma guerra que, embora aconteça em território ucraniano, envolve interesses muito mais amplos, o que torna qualquer tentativa de interrupção dos combates extremamente frágil.

Um dos principais obstáculos é a incompatibilidade dos objetivos centrais das partes envolvidas. Para a Ucrânia, um cessar-fogo que não inclua a retirada das tropas russas e a recuperação de seus territórios ocupados pode significar a legitimação de perdas territoriais obtidas pela força. Já para a Rússia, interromper o conflito sem garantias políticas e estratégicas pode ser visto como uma derrota, algo difícil de aceitar tanto no plano interno quanto internacional.

Além disso, a profunda desconfiança entre os dois lados mina qualquer negociação. Ao longo do conflito, acordos humanitários e tréguas temporárias foram repetidamente acusados de serem violados, o que enfraquece a credibilidade de novos compromissos. Em um cenário de guerra prolongada, cada parte teme que um cessar-fogo seja usado pelo adversário apenas como uma

oportunidade para se reorganizar militarmente.

Outro fator crucial é a influência de atores externos. Países ocidentais apoiam a Ucrânia com recursos financeiros, armamentos e suporte diplomático, enquanto a Rússia busca reafirmar sua posição como potência regional e global. Esse jogo geopolítico amplia o conflito e reduz os incentivos para concessões rápidas, pois o desfecho da guerra também funciona como um sinal de força ou fraqueza no cenário de alianças políticas internacionais.

Há ainda o peso da opinião pública e da política interna. Líderes de ambos os países precisam justificar suas decisões diante de populações profundamente afetadas pela guerra. Um cessar-fogo percebido como desfavorável pode gerar instabilidade política, protestos e perda de legitimidade, o que torna os governantes mais resistentes a compromissos.

Por fim, a guerra da Rússia contra a Ucrânia não é apenas uma disputa territorial, mas um embate de narrativas, identidades e visões de mundo. Enquanto essas dimensões simbólicas permanecerem em choque, um cessar-fogo duradouro continuará sendo difícil de alcançar. Assim, a paz não depende apenas do silêncio das armas, mas da disposição real de enfrentar as causas profundas do conflito.

Opinião do leitor

Alice

O Brasil orou por Alice. A fibra da solidariedade é forte e cativante. Dentro da noite fria e longa, o choro saia fraco. Apenas para a mãe dela, chorosa e aliviada Karine, Alice contará o que passou. Alice foi encontrada deitada, sonolenta, entre folhas e gravetos caídos do céu especialmente para cuidar dela.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO ESPANHOL DEVE PRENDER AVIADOR RAMON FRANCO

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de fevereiro de 1931 foram: Mau tempo nas ilhas Canárias impede a continuação da viagem de Gago Coutinho em mais uma travessia pelo Atlântico. Fo-

ram fuzilados na Argentina os anarquistas italianos Severino Di Giovanni e Paulino Scarfo. Anuncia-se que o governo espanhol deve pedir a prisão perpétua ao aviador Ramon Franco.

HÁ 75 ANOS: CHINA DIZ QUE RESOLUÇÃO DA ONU CONDENA PROPOSTAS DE PAZ

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de fevereiro de 1951 foram: Nova ofensiva das tropas Aliadas deixam várias baixas nas forças comunistas. China Comunista diz que resolução da ONU

encerrou qualquer possibilidade de acordo na Coreia. Negrão de Lima assume o Ministério da Justiça. Vargas vem ao Rio de Janeiro prestigiar os primeiros desfiles do carnaval.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.